

“Sem Libras, sem a língua de sinais, eu não existo”

Após quase 90 anos de fundação, Universidade abre as portas pela primeira vez a uma professora surda

DANILO QUEIROZ E SOFIA LANZA
[ENTREVISTA]

“Eu sou uma mulher, surda, ativista, que gosta de reivindicar e brigar pelos meus direitos”. É assim que se apresenta Sylvia Lia Grespan Neves, primeira professora surda da USP e ministrante da disciplina de graduação Educação Especial, Educação de Surdos e Libras, da Faculdade de Educação (FEUSP).

Quem lê essa frase pode pensar que Sylvia já nasceu forte, decidida e confiante em si. Mas nem sempre ela se viu assim. Como comenta a docente, o olhar de pessoas ouvintes lançados sobre seu corpo a fez muitas vezes se sentir insuficiente. “Meu sonho era ser escritora, mas certo dia uma professora me disse que eu não era capaz. Ali, ela eliminou a possibilidade de que eu tinha de sonhar.” A escolarização básica, aliás, foi um processo doloroso. “No internato em que estudei, a gente era proibido de sinalizar, recebíamos castigos físicos se alguém nos visse, éramos sempre obrigados a oralizar.”

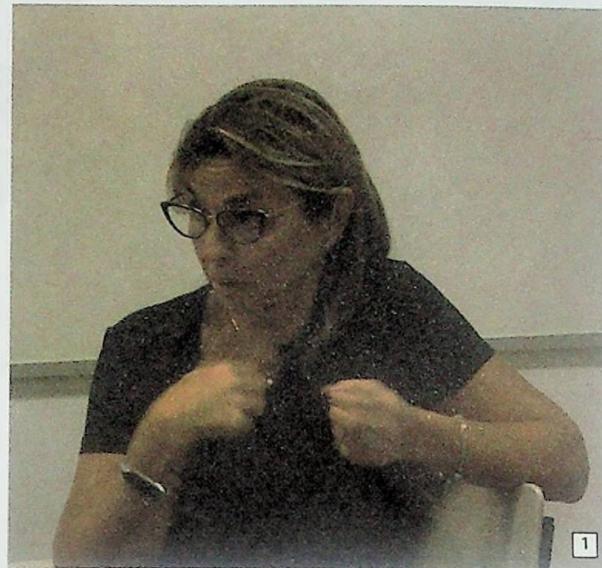
Após muitos outros julgamentos, ela decidiu ser uma professora diferente das que tivera. Foi a forma que encontrou de imaginar um futuro onde pessoas surdas ou ouvintes pudessem sonhar, mesmo que transpassados de limitações. Ela relata ainda que foi graças à Língua Brasileira de Sinais (Libras) que conseguiu recuperar sua autoestima. É assim que ela se comunica no dia a dia, inclusive na entrevista ao JC, realizada com o auxílio de uma intérprete.

Por utilizar a Libras como sua primeira língua, a professora, que também pesquisa acessibilidade linguística, avalia o quanto nossas sociedades associam a expressão oral como símbolo da cognição humana. Para ela, a língua de sinais não é apenas a representação visual das palavras. “Libras para mim é tudo. É minha vida. Foi a partir dela que eu consegui começar a existir, a viver. Não sei se você consegue imaginar a sua vida sem a língua portuguesa. Quem é você sem a língua que você fala? Sem a língua de sinais é como se eu não existisse”.

Libras para mim é tudo. É minha vida. Foi a partir dela que eu consegui começar a viver

Sylvia Lia

Sylvia Lia em entrevista ao JC, realizada em Libras

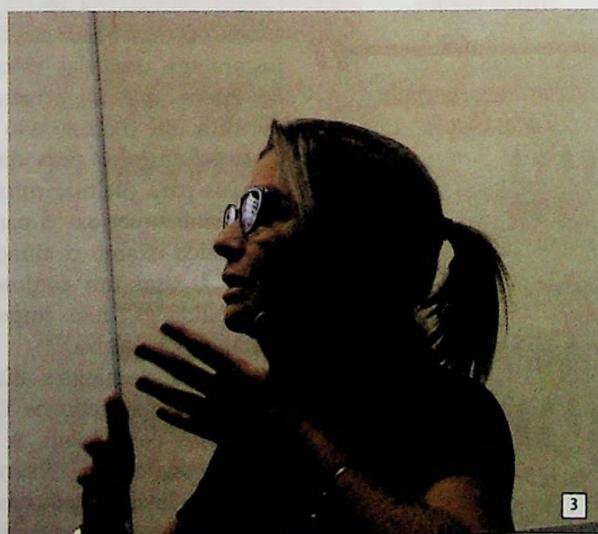


1



2

Na língua portuguesa, as três imagens significam: “Eu sou Libras”



Eu tinha conseguido porque eles viram a mim, Sylvia, para além de uma mulher surda, não como uma pessoa que falta algo ou é incapaz

Sylvia Lia

Foi graças ao concurso para a única vaga de docente da disciplina de Libras da FEUSP, realizado em ampla concorrência devido à ausência de cotas destinadas ao público PCD, que ela passou a ser vista como gostaria. “Quando a banca disse: ‘Parabéns Sylvia, você foi aprovada! A vaga é sua’, eu fiquei muito surpresa. Eu tinha conseguido porque eles viram a mim. Sylvia, para além de uma mulher surda, não como uma pessoa a quem falta algo ou é incapaz.”

Sua contratação foi uma grande conquista para a comunidade surda e ela espera abrir mais portas. Mas a Universidade de São Paulo muitas vezes ainda é inacessível para a professora. Os intérpretes que a acompanham, Amanda e Thiago, são terceirizados e só podem atuar no período das aulas, o que limita a participação da Sylvia em reuniões acadêmicas, eventos e palestras.

Diferentemente da falta de acessibilidade vivenciada nas reuniões com outros professores, a sala de aula é um ambiente de constante troca com os alunos, que estão convivendo e se comunicando com uma pessoa surda. “Eu penso que a minha presença aqui, a minha aula, tem o foco de fazer os alunos se imaginar no futuro, como é dar aula e se deparar com alunos com vários tipos de deficiência? Como a gente proporciona para eles uma experiência educacional mais inclusiva, mais humana?”

Um dos impactos mais marcantes para ela foi uma apresentação na aula em que os alunos queriam chamar a atenção para pedir silêncio, e ao invés de utilizarem a voz, piscaram as luces. “Não foi uma coisa que eu exigi, foi algo que eles foram pegando com o tempo.”

Para além das reflexões desenvolvidas nas salas de aula, Sylvia almeja mais, e encontra por aí, Brasil afora, pessoas, assim como ela, que imaginam um futuro onde pessoas com deficiência passam a assumir o protagonismo de suas vidas. “Eu ainda não estou satisfeita com onde eu cheguei. Minha história não termina aqui, é apenas o começo. Quem sabe algum dia eu não esteja por aí assumindo talvez, a direção da Universidade.”